



Houve uma só, e episódica, ligação afectiva na vida do poeta. Será preferível colocar a questão nos seguintes termos:

Fernando Pessoa ou o "noivo" da própria obra

David Mourão-Ferreira

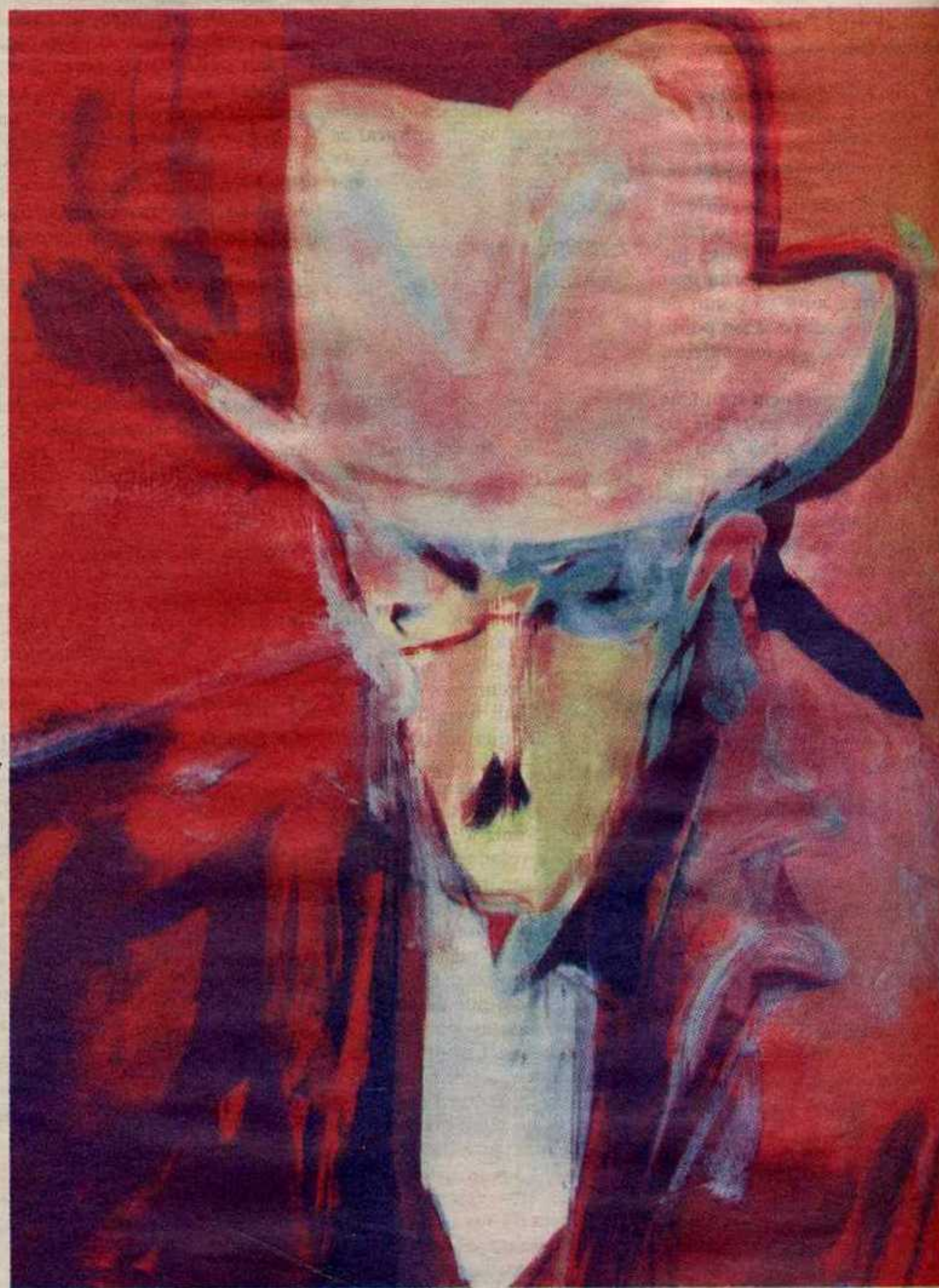
É bem conhecido, pelo menos com os dados de que dispomos, o deserto da vida sentimental de Pessoa, o praticamente grau zero das suas experiências eróticas, não obstante a episódica relação afectiva com Ophélia Queiroz, a quem dirigiu estranhas cartas de amor, ora de pungente infantilismo ora de terrível consciência quanto à verdadeira e única Mulher a quem sabia pertencer — e que era, afinal, a própria obra, a própria poesia. «Que isto de 'outras afeições' e de 'outros caminhos' é consigo, Ophelinha, e não comigo. O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam»: assim es-

creverá ele, em 29 de Novembro de 1920, aquando da primeira ruptura. E, quase nove anos depois — 29 de Setembro de 1929 —, por ocasião da segunda ruptura por ele igualmente provocada, ainda se mostrará mais explícito: «... a minha vida gira em torno da minha obra literária — boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário...»

Absorver-se, deste modo, na realização da própria obra, era ainda uma forma de se ocultar, de se «desconhecer». Aliás, a obra, em termos de completude, de realização integral e sistemática, acabou sempre por se tornar algo de adiado e de inacessível. Exactamente como para o José Matias, do conto homónimo de Eça de Queiroz, a mulher amada — a bela Elisa — foi também sempre, por ex-

clusiva vontade sua, adiada e inacessível, o que leva no fim o narrador a dizer, acerca de «este inexplicado José Matias, que era talvez muito mais que um homem — ou talvez ainda menos que um homem...» E creio não existir outra personagem ficcional da literatura portuguesa a quem, sob este aspecto, e só este, Fernando Pessoa tanto se assemelhe.

Não só recusou a possibilidade de um casamento com Ophélia, ou com qualquer outra mulher de carne e osso, como também aos vários heterónimos que criou — **todos homens** — não soube dar senão o invariável estatuto de **solteiros**. Ao seu caso se aplicaria, em sentido translato, e sem sombra, obviamente, de qualquer intenção pejorativa, sequer irónica, o título daquele célebre «quadro» de Marcel Duchamp, realizado aliás pela mesma



Pessoa visto por Júlio Pomar (fragmento)

época em que a obra de Pessoa melhor atingia o seu esplendor heteronímico: **La Mariée mise à nu par ses Célibataires, même**. A obra de Pessoa foi essa noiva; ou ele o noivo da própria obra, violentamente desnudado na ausência de personalidade com que se desejou, pelos diversos celibatários seus heterónimos. Isto, note-se, no plano da obra, porquanto no da vida não deixam porventura de lhe ser aplicáveis, se bem que com as necessárias reservas, aquelas considerações, aliás demasiado chãs, do narrador do **José Matias**: «E concluí que o Matias era um doente, atacado de hiperspiritualismo, duma inflamação violenta e pútrida do espiritualismo, que receara apavoradamente as materialidades do casamento, as chinelas, a pele pouco fresca ao acordar, um ventre enorme durante seis meses, os meninos berrando no

berço molhado...» E mais adiante: «...um ultra-romântico loucamente alheio às realidades fortes da vida...»

Ultra-romântico, Fernando Pessoa? Porque não? Não, decerto, no sentido oitocentista e restritamente histórico-literário do termo, em que o ultra-romantismo mais não foi que uma caricatura epigonal do que já existia de caricato no romantismo em sentido restrito. Mas, se o Romantismo, em acepção muito mais ampla, foi também o movimento em que se operou a grande revolução nas relações do autor com a própria obra — que de passiva se tornou activa, dominadora, devoradora, toda poderosa nas suas exigências totalitárias —, então, sim, Fernando Pessoa, tal como Kafka ou Joyce, Proust ou Mallarmé, foi sem dúvida um «ultra-romântico»

por ter conduzido ao paradoxo aquela mesma revolução, por ter assumido de maneira dramática, na vida e na obra, esse asfixiante império da obra sobre a vida.

Claro está que não era em nada disto que pensava o superficial e pedante narrador do **José Matias** — o qual, naturalmente, de modo algum se identifica com Eça de Queiroz. Mas, ao ter falado em espiritualismo, e mesmo em hiperspiritualismo, sem dúvida que obliquamente intuiu uma outra verdade que também se aplicará ao caso de Fernando Pessoa, porquanto aquele império da obra, criação eminentemente espiritual, sobre as tais «realidades fortes da vida» nos remete efectivamente para uma espécie de espiritualismo que se ignora ou nem sempre tem coragem de dizer o seu nome. ■

FESTIVAL DA JUVENTUDE SINTRA

24, 25 e 26 de Junho de 1988
campo de futebol do Sport União Sintrense — Portela de Sintra
início dos espectáculos — 21.30 h.

Sexta-feira, 24	JORGE PALMA LENA D'ÁGUA
Sábado, 25	MAFALDA VEIGA JÚLIO PEREIRA
Domingo, 26	NANÁ SOUSA DIAS TROVANTE

VENDA DE BILHETERIA:
— No Local, 1 hora antes do início dos espectáculos
— Câmara Municipal de Sintra, no Serviço de Atendimento ao público

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA